

KD O PROF? TB FOI NAVEGAR!

Ana Elisa Ribeiro*

Considerações iniciais

Este texto é uma das formas possíveis de *realização* de uma série de ligações originadas em minha mente desde quando comecei a pensar as relações entre Internet e ensino. À medida que refletia sobre o tema e lia livros e artigos, formava-se para mim uma grande rede de conexões. Entre os nós dessa rede estavam as figuras do professor e do aprendiz (se é que essas duas criaturas estão sempre separadas), a sala de aula que eu vivi, assim como as salas de aula do meu presente e as que eu gostaria de ver no futuro. Também apareceram ambientes de aprendizagem que não estavam exatamente localizados em espaços distinguíveis ou em tempos marcados. Eles poderiam ser qualquer lugar, mesmo se as pessoas que interagem ali não estivessem próximas umas das outras, em relação à distância física. Também cada aluno cumpria suas tarefas e resolvia os problemas propostos quando pudesse, dentro de um prazo mais largo do que 50 minutos. Também pensei em disciplinas, conteúdos, computadores e livros, tecnologias, fossem elas a caneta ou o *notebook*.

De tanto ligar todos esses pontos, passei a tentar organizá-los e dei a eles a forma deste texto. Eu poderia ter dado outra forma, como um filme, ou ter composto uma música, que são exemplos de linguagens diferentes da linguagem verbal. Do ponto de vista dos gêneros textuais, eu poderia ter dado à realização das minhas idéias o formato e as peculiaridades de um poema. Se eu fosse contista, poderia ter escrito um miniconto cujos protagonistas se conheceriam pela Internet e, quando se encontrassem, ficariam perplexos diante da verdade: eram aluno e professora. Ou mesmo poderia realizar este texto dando a ele o formato de um capítulo de livro, que foi, na verdade, a opção que fiz. Se pensasse este texto para o meio digital, poderia fazer um belo *remix* de textos, imagens e sons, que é uma possibilidade das máquinas e da hipermídia.

Não pensei nisso tudo à-toa. Houve determinadas condições que me levaram a esta escolha. Além de todo este assunto fazer parte da minha pesquisa de doutorado, recebi o convite de escrever sobre Internet e ensino para um livro. Foi essa idéia e o fato de eu conhecer os formatos de textos deste tipo de livro que nortearam minhas ações desde então. Estive movida por contingências reais. Para lembrar um conceito caro a nós, professores, essas eram minhas *condições de produção*. O organizador da obra me solicitou: a) um artigo; b) sobre as relações entre Internet e ensino; c) para fazer parte de um livro; d) destinado aos professores do ensino fundamental, talvez aos do ensino médio e, mais adiante, a quem se interessasse pelo tema; e) em um prazo razoavelmente apertado; f) várias diretrizes e normas sobre o formato que esse texto deveria ter.

E para quê eu disse isso? Para concluir que quando as demandas e os problemas são de verdade, a gente encontra soluções também de verdade. Na maioria das vezes, essas soluções também são melhores. Talvez por isso os jovens gostem tanto de atuar (lendo e escrevendo) na Internet. Embora aquele ambiente seja chamado de *virtual*, os problemas e as tarefas são reais, porque muitas pessoas podem ter acesso a elas. Do lado de lá da tela não há uma máquina burra, mas pessoas que interagem, trocam idéias e cooperam.

Não é meu desejo que a escrita de um texto pareça distante dos professores e dos alunos (que às vezes trocam de papéis, fazem ambos simultaneamente ou mesmo nunca foram seres distintos). Não quero que o ato de pensar, estabelecer ligações, organizá-las e escrever fique parecendo algo para poucos. É dessa forma que pensamos nossas conversas do dia-a-dia, é assim que escrevemos nossos diários e os comentários de nossas agendas. É assim que

formamos um grande hipertexto em nossas memórias e o ativamos sempre que falamos, escutamos, lemos, escrevemos, convivemos.

Nesse sentido, todos os nós que hiperligamos em nossas mentes, assim como todas as realizações deles que outras pessoas lêem, são hipertextos. Dessa forma, não deve ser difícil concluir que professores e alunos não devem se sentir tão distantes do que se tem chamado de hipertexto e nem do que pode acontecer na Internet.

Antes de iniciarmos nossa jornada imprecisa pelas minhas idéias, vou desenhar um mapa deste texto: falarei um pouco sobre a leitura, tecerei considerações sobre hipertextos, leitores e leitura, explicarei a diferença entre a Internet e a WWW (World Wide Web), em seguida, abordarei levemente as interfaces gráficas, voltarei um pouco na história de algumas tecnologias que conhecemos de longa data, mencionarei os gêneros textuais que apenas lemos e aqueles que também escrevemos e, por último, mostrarei o que os aprendizes mais jovens têm a ver com isso tudo e em que medida eles estão fazendo o que sempre fizemos ou ganhando habilidades que nos assustam um pouco porque nós, professores, ainda não as desenvolvemos. Não me esquecerei de mencionar, claro, como o professor poderia navegar nisso tudo sem perder o rumo.

Minhas perguntas giram em torno destes problemas, que penso que não afligem só a mim: Como e em que ambientes os meninos e meninas de hoje escrevem? Em que ambientes o professor escrevia e onde ele escreve hoje? Quais são as habilidades dos jovens da atualidade e quais delas escapam às expectativas do professor? O que dizer dos textos marcados pela linguagem dos chats? Que tal navegar por estas novas ondas? Quem sabe o professor também passe a dominar novas habilidades? É possível enxergar os acontecimentos e a tecnologia de maneira mais tranqüila e natural? Espero, sinceramente, que este texto ajude a pensar que sim.

Textos, leituras e tecnologias

Os textos têm sido objeto de estudo e de preocupação há séculos. Quando ainda não eram objeto escolar, democrático e popular, os textos eram riqueza, espólio, herança, memória. Para os poetas declamadores e para os arautos, o texto era a memória histórica, a notícia importante, o boato, a revolução. No entanto, os suportes eram os corpos e a voz. Com o passar do tempo, a humanidade desenvolveu meios para novas apresentações do texto, inclusive separando-o da voz e do corpo. Escrever em uma tábua de argila ou em um pedaço de papiro dispensava a voz do escritor ou do declamador. E deixava, de certa forma, o leitor “livre” para uma relação não-mediada com o texto. Ou mediada apenas pelo papiro. Numa longa história de ações entre autores, textos e leitores, o computador é um desses meios de realizar textos.

Do ponto de vista da produção, as máquinas tornam as tarefas mais fáceis. Quem se lembra da máquina de escrever também deve se lembrar das folhas amassadas e dos corretivos de pó branco. Atualmente, escrever utilizando um editor de textos eletrônico faz tudo parecer mais ágil e menos trabalhoso. Revisar e corrigir um texto tornou-se uma atividade fácil, desde que aprendamos a mover botões e o mouse. As folhas de papel e a impressora só entram em cena quando o texto está pronto. No entanto, até que a máquina de escrever se tornasse objeto de museu, o computador teve que passar por muitas adaptações.

Para desfazer a noção (para mim, equivocada) de que os acontecimentos e as tecnologias se sucedem linear e seqüencialmente, é preciso considerar os estudos da história cultural. Para os historiadores da leitura e do livro, por exemplo, o homem vive, há séculos, um “regime de escrita”, em que os aparatos, as ferramentas, as técnicas e os gestos de ler e de escrever se acoplam e se reconfiguram (Chartier, 1998; Babo, 2005; Furtado, 2005). Assim, fica mais fácil tratar o computador (principalmente os programas editores de texto), a World

Wide Web (com suas várias possibilidades de espaço de escrita), o telefone celular (que, recentemente, tornou-se espaço de escrita) e o fax como espaços mais atuais de um “regime” plástico e vivo de possibilidades para o texto escrito.

Um conceito importante será o de ambiente de escrita, mais do que o de “espaço de escrita” (Bolter citado por Marcuschi, 2001) ou o de hipertexto, que poderia gerar uma interminável discussão. Vou desenhar, aqui, uma WWW em que existe diferenciação, assim como no mundo tangível, entre funções, ambientes e, portanto, necessidades de escrita e de leitura diversas, fazendo emergir ambientes de escrever e/ou de ler distintos uns dos outros.

Assim como, na cidade, os *outdoors*, os muros e os jornais diários são espaços diferenciados de texto, inclusive de acesso restrito a uns ou a outros, na WWW ocorre a mesma coisa com relação a ambientes como o site de fofocas, o blog particular, o blog coletivo, o Orkut ou os e-mails pessoais. Em cada um desses ambientes o usuário se comporta de maneira a adequar sua conduta.

A Internet não deve ser vista como um monolito incógnito e nem como uma rede onde tudo é permitido. As regras de convivência nesses ambientes já vêm sendo desenhadas pelos usuários, e entre elas não poderiam faltar aquelas que se referem a maneiras de ler e de escrever neste novo “lugar”. A rede é, antes de qualquer coisa, um ambiente movido pela interação social. Se é assim, essas comunidades tratarão de estabelecer suas regras, mesmo que tacitamente.

Leitura e hipertexto

Nos últimos anos, os textos em meio digital despertaram o interesse por um novo termo: hipertexto. Costuma-se atribuir a invenção dessa palavra ao norte-americano Ted Nelson, engenheiro que concebeu uma ferramenta de textos chamada Xanadu. Mas o que o hipertexto tem de novidade? Em que ele se diferencia dos textos publicados em papel? E o que acontece com o leitor diante dessas “mudanças”?

É de suma importância considerar as habilidades acionadas pelo leitor para construir sentido e coerência em qualquer texto. O leitor, sim, parece ter tido sempre um modo hipertextual de operar, a despeito da criatividade dos produtores de texto, estejam eles no papel ou na tela. Vejamos o texto que circulou na Internet, por e-mail:

imrpsesioantne!!!!

De aorcd com uma pqsieusa de uma uinrvesriddae ignlsea, não ipomtra em qaul odrem as lrteas de uma plravraa etâso, a úncia csioa iprotmatne é que a piremria e útmliã lrteas etejasm no lgaur crteo. O rseto pdoe ser uma ttaol bçguana que vcoê pdoe anida ler qause sem poblmea.

Itso é poqrue nós não lmeos cdaa lrtea isladoa, mas a plravaa cmoo um tdo.

O leitor, à medida que lê a mensagem, se surpreende com a rapidez com que a compreende, mesmo que as letras sejam percebidas, inicialmente, como “trocadas”. O que se quer demonstrar é que a mente opera de maneira não-linear, associando pistas e testando hipóteses de maneira muito ágil, sempre na intenção de construir sentido. Um as palavras “ajudam” outras a surgirem e se validarem, assim como umas letras validam outras e assim por diante.

Se, como afirma Marcuschi (2001, p. 80), “tanto a tecnologia como o letramento estão imbuídos de conflitos ideológicos, modelados por forças da economia, história e política”, este ensaio, pouco definitivo, como tudo o que trata do desenvolvimento tecnológico, quer considerar que os espaços de escrita, com o uso (e só mesmo assim), vão sendo redefinidos e remanejados por leitores que, em sociedades, mesmo que virtuais, também estão vivendo sua plasticidade de humanos. Para reafirmar isso, cito um pequeno hipertexto recolhido em livros. O historidador Roger Chartier (2001, p. XI), que recorre ao escritor Jorge Luis Borges, que, por sua vez, cita Heráclito:

O que são as palavras postas em um livro? O que são esses símbolos mortos? Nada absolutamente. O que é um livro se não o abrimos? É simplesmente um cubo de papel e couro, com folhas; mas se o lemos acontece algo estranho, creio que muda a cada vez. Heráclito disse (o repeti demasiadas vezes) que ninguém se banha duas vezes no mesmo rio. Ninguém se banha duas vezes no mesmo rio porque as águas mudam, mas o mais terrível é que nós não somos menos fluidos que o rio.

Ler, portanto, não é tarefa simples. E não me refiro apenas a textos complexos ou a leitores muito letrados. Qualquer leitor precisa mobilizar muitos conhecimentos para empreender a leitura de qualquer texto; e a compreensão acontece de maneira muito hipertextual, de acordo com essa mobilização de informações e ações muito heterogêneas.

Coscarelli (2003) afirma, com muita propriedade, que todo texto é hipertexto. A autora, ao longo de vários de seus trabalhos, demonstra como e por que razões todo leitor processa textos, mentalmente, de maneira hipertextual.

Embora não seja essa a abordagem de muitos estudiosos, que preferem pensar no hipertexto como produto da ação de escrever (um texto realizado), é absolutamente necessário que o professor compreenda a leitura como um processo muito integrado e em rede. Assim, estamos tratando de algo que ocorre, muito naturalmente, quando lemos desde sempre. E sob este ponto de vista, não há novidade.

Em tempos idos, a leitura era pensada de outra maneira. Notem como Carpenter (1971), co-autor com Marshall McLuhan¹, descrevia a ação de ler. E pior: quais poderiam ser as conseqüências de ter essa ação por hábito:

Quando lemos, uma pessoa pensa por nós; repetimos meramente o seu processo mental. A maior parte da atividade do pensamento, do trabalho de pensar, é realizada para nós. Por isso nos alivia apanhar um livro depois de estarmos ocupados com os nossos próprios pensamentos. Ao ler, a mente é apenas o *playground* para as idéias de outra pessoa. As pessoas que passam a maior parte da vida lendo perdem frequentemente a capacidade de pensar, tal como as que andam sempre de veículo perdem o hábito de caminhar. Algumas pessoas tornam-se estúpidas de tanto ler. (Carpenter, 1971, p. 209)

Embora estejamos muito habituados a organizar os acontecimentos e mesmo nossas ações em linha reta, não parece ser assim que tomamos conhecimento do mundo, que experimentamos a vida. E por que a leitura seria diferente? Carlos Drummond de Andrade nos oferece um bom exemplo de ciranda que, embora tenha a aparência de uma linha, afeta a vida de muitas pessoas ao mesmo tempo, num hipertexto comum em nosso cotidiano:

QUADRILHA

João amava Teresa que amava Raimundo

¹ Um dos mais famosos teóricos dos novos meios de comunicação, ainda nos anos 1970, quando a discussão girava em torno das mudanças causadas pela televisão e pelo cinema. McLuhan tem uma obra famosa, *A galáxia de Gutenberg*, entre outras, em que abordou as mudanças ocorridas no mundo após a invenção da prensa de imprimir livros.

que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.
João foi pra os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou pra tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.

In: *O sentimento do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 1993. p. 57.

Se Lili não amava ninguém, afetava a vida de Joaquim, que afetava outras pessoas, mas não em linha. O suicídio de Joaquim foi causado pelo desamor de Lili? Ou pelo fato de ela se casar com outro? Quando Lili se casou, Joaquim já havia morrido? Ou ela se casou justamente porque ele se foi? Como saber? O mais importante é que o texto, aparentemente tão simples, conduza o leitor por uma série de fatos e suspeitas.

O tempo de pensar a leitura como um gesto passivo, em que o texto de outrem apenas “roda” em nossa cabeça, como se fosse um programa de computador dentro de um *hardware*, já passou. É fácil notar, pela reação de nossos alunos em sala de aula, que quando lemos um texto que nos interessa tratamos logo de dar-lhe sentidos que nem sempre convergem, de manifestar críticas ou de relacionar o texto lido com outros (lidos ou vividos). É nesse aspecto que o hipertexto deixa de ser novidade da tecnologia e passa a ser encarado como uma operação com a qual temos muita intimidade.

Caiu na rede, é internauta

E como fica a leitura nas telas do computador? O que a Internet oferece de novo? A Internet que usamos em casa, no trabalho, na escola ou numa *lan house* tem história recente. Quem ainda não tem acesso à Internet, e não são poucas pessoas, deve ao menos saber que essa rede existe e que serve para muita coisa. A dúvida e a desconfiança sobre uma nova tecnologia, seja ela de comunicação ou de transporte, é natural para as pessoas que se vêem, repentinamente, diante de uma mudança de hábitos, de uma transição e da transformação das maneiras de executar várias tarefas.

Mesmo uma ferramenta tão simples como uma caneta esferográfica passou por um longo período de transição até que chegasse aos bolsos e às bolsas de todos nós. Até que esse objeto prático e barato fosse adotado pelas pessoas, muita gente desconfiou de sua carga, de sua validade e até mesmo preferiu continuar molhando uma pena de ganso em um vidrinho de tinta.

Assim também aconteceu com o rádio, com a televisão, com o telégrafo, com o avião. E o computador não poderia ficar fora dessa lista. A invenção do computador, na década de 1940-50, tinha objetivos militares. O Departamento de Defesa dos Estados Unidos investiu muito dinheiro em universidades e empresas que pudessem inventar supercalculadoras e redes de comunicação à distância. O computador, naquela época, era uma máquina imensa, pesadíssima, que operava segundo códigos que só os engenheiros conheciam.

Na década de 1970, na Califórnia (Estados Unidos), jovens estudantes resolveram construir uma máquina pequena, à qual deram o nome de *personal computer*. E deu certo. Esses jovens engenhosos iniciaram uma longa trajetória inventando e testando ferramentas para uso geral, não mais apenas para iniciados no assunto.

As máquinas funcionavam isoladamente até a invenção de uma rede que uniria os computadores uns aos outros. Daí a invenção da Internet. Segundo Ferrari (2003),

A Internet foi concebida em 1969, quando o Advanced Research Projects Agency (Arpa – Agência de Pesquisa e Projetos Avançados), uma organização do Departamento de Defesa

norte-americano focada na pesquisa de informações para o serviço militar, criou a Arpanet, rede nacional de computadores, que servia para garantir comunicação emergencial caso os Estados Unidos fossem atacados por outro país – principalmente a União Soviética. (Ferrari, 2003, p.15)

Como se vê, a Internet era uma rede com fins militares. As pessoas comuns ainda não sabiam que ela existia. Em seguida, a Internet ganhou as universidades e passou a ser uma rede de comunicação com finalidades acadêmicas. Mais tarde um pouco, ela chegou às casas das pessoas. Foi em 1980 que Tim Berners-Lee inventou a World Wide Web (WWW) (Ferrari, 2003, p.16).

O que significa isso? Que a partir daí é que ficou cada vez mais fácil navegar. Enquanto a Internet era uma rede que só atendia o Exército e as universidades, não existia um programa que ajudasse os usuários a lerem e compreenderem o que ocorria na tela do computador. Tudo dependia de códigos e linguagens especiais que não eram do domínio das pessoas comuns. Quando Berners-Lee criou a WWW, na verdade ele inventou uma maneira de o que se passava na tela do computador ficar acessível a qualquer pessoa que soubesse ler e tivesse um pouquinho de paciência.

Um outro personagem dessa história é Andreessen, o homem que criou o primeiro *browser*, o Mosaic. A esse tipo de programa que faz com que as informações fiquem facilmente acessáveis e legíveis dá-se o nome de *interface gráfica*. A Apple, empresa norte-americana que fabricava computadores, inventou o primeiro programa de navegação para os usuários comuns. No entanto, foi o Netscape, da Microsoft, que ficou famoso no mundo inteiro.

Hoje em dia, existem vários programas de navegação, entre os quais o Explorer e o Firefox, que são os mais conhecidos. Usuários do mundo inteiro navegam na WWW utilizando essas ferramentas. Com elas, eles trocam dados, conversam em chats, lêem jornais, escrevem em blogs, participam de fóruns de discussão, criam contas no Orkut, fazem buscas e pesquisas sobre os mais variados assuntos. Tudo isso acontece de maneira tão intuitiva e ágil justamente porque não estamos navegando apenas na Internet. Estamos surfando em um dos ambientes da Internet, a WWW, onde é possível interagir sem muita dificuldade, graças à maneira como textos, imagens e informações se apresentam.

A *interface gráfica* da WWW é tão familiar às pessoas que mesmo as crianças conseguem operar por ela sem grandes traumas. Para os pais e professores a tarefa parece mais dolorida. Mas essa não é uma questão de incapacidade ou de memória, trata-se de uma questão de disposição para reconfigurar conhecimentos, ações e práticas. Quem estava acostumado a fazer pesquisas na *Barsa* de papel, uma das enciclopédias mais conhecidas do mundo, tem agora, além do livro, uma alternativa de busca em CD-Rom. Há quem prefira entrar na WWW e fazer uma busca por sites ou blogs, e ainda há quem prefira molhar a pena de ganso na tinta.

Quem te viu, quem te vê

Há apenas dez anos, a Internet, especialmente a World Wide Web, funcionava como um grande arquivo de textos transpostos do impresso para o digital, às vezes digitalizados ou guardados em bancos de dados. Mesmo os jornais impressos demoraram a encontrar um formato mais confortável para suas versões de Internet (e ainda estão procurando, num processo que jamais se acaba). No entanto, as interfaces evoluíram e, muito ao contrário do que afirma David Charney (1994), citado por Marcuschi² (2001), os estudos centrados no

² “Segundo o observado por David Charney (1994), ainda não temos muitas pesquisas sobre como os usuários se comportam na leitura de hipertextos e qual a eficiência nessas leituras em relação aos textos impressos”. (Marcuschi, 2001, p. 105)

usuário e a reação às demandas do leitor já modificaram muito os projetos de interfaces para leitura on-line.

Se observarmos ao redor, a partir da invenção da Internet e, principalmente, da WWW, muitas novidades surgiram no mundo das palavras, da comunicação e do texto. Isso acontece com qualquer invenção que ganhe o público. Qualquer criação humana que passe a circular abertamente e propicie a interação entre as pessoas fará surgirem várias possibilidades novas.

O surgimento da WWW trouxe novas possibilidades de ação na linguagem. Antes de ter um computador em casa ou no trabalho era impossível cadastrar-se em um provedor de e-mails e ter um endereço eletrônico. Até o início da década de 1990, no Brasil, não conhecíamos pessoas que tivessem e-mail. Com o passar dos anos, muita gente abriu suas contas e passou a enviar mensagens rápidas para parentes, amigos, colegas de escola, pessoas que estavam distantes ou mesmo vizinhos. A mensagem de e-mail ganhou tanta importância que muita gente não se vê mais vivendo sem esse endereço virtual. No entanto, o e-mail, à medida que foi sendo usado, ganhou uma certa configuração. Os usuários foram moldando essa forma de comunicação às suas necessidades. E então o e-mail passou a ser algo novo, diferente do que já existia e ainda, de alguma maneira, parente da carta, às vezes do telegrama ou do bilhete.

A criação dessa nova prática de escrita não prejudica qualquer outra forma anterior de produção de texto. Como todas as outras, o e-mail também depende das intenções do escritor, da função do texto, da informação que se quer passar e de quem é o interlocutor. E as crianças e adolescentes sabem disso.

Ambientes de escrever, ambientes para ler

Estar on-line no uso do computador abre muitas possibilidades de navegação e leitura. Os sites foram os primeiros ambientes de escrita amplamente reconhecidos e utilizados pelas massas conectadas. No entanto, a produção do site demanda conhecimento técnico que poucos podem acessar. Para produzir um site, é necessário conhecer ferramentas e programas que não são intuitivos. É isso que faz a linha que divide leitores e autores no caso desse ambiente específico.

Do ponto de vista da interação entre pessoas e comunidades, segundo Marcuschi (2001, p. 109), a Internet acarretou o “(...) surgimento de uma série de novos gêneros textuais no contexto da tecnologia eletrônica”. Entre esses gêneros, é fácil citar o e-mail e o chat. No entanto, mesmo para pesquisadores como Marcuschi, ainda há uma grande confusão entre gêneros textuais e ambientes de escrita, por vezes entre o gênero textual e o próprio programa utilizado para escrever.

O e-mail, como programa para envio de mensagens, também foi, em princípio, de uso militar. Com o tempo passou a ser percebido como meio de comunicação particular entre pessoas. Atualmente, é até uma alternativa mais rápida aos correios.

Segundo Briggs & Burke (2004), o meio de comunicação particular (carta pessoal) e o meio de comunicação aberto ao público (cartão-postal, por exemplo) são modalidades discutidas desde a época da invenção dos correios, das ferrovias e, principalmente, do telégrafo (com mensagens dirigidas a um correspondente particular) ou do rádio (quando as mensagens poderiam ser dispersas). Em princípio, essa “dispersão” foi entendida como desvantagem, até que alguém a compreendeu como “comunicação de massa”.

O e-mail considerado como a própria mensagem escrita no programa parece, para muitos, uma reconfiguração da carta, talvez do bilhete, no entanto, sob a programação do design centrado no usuário, é algo de familiar, no entanto, novo. Assim também o chat, enquanto texto digitado on-line, se parece com uma conversa, só que por escrito. Essa

recaracterização dos gêneros preexistentes parece trazer a reação eufórica de alguns, mas não a dos historiadores da comunicação.

Junto com a WWW surgiram os sites, que só existem na Internet. Também surgiram os chats, os blogs e os fóruns. Os chats foram as primeiras interfaces que propiciavam a troca de mensagens em tempo real. Nos primeiros anos da década de 1990, muitos usuários já se comunicavam pelos chats, especialmente os alocados em sites de jornais conhecidos. Instaurou-se, então, uma espécie de conversa por escrito. À medida que a prática nesse tipo de interação ia aumentando, o usuário ganhava habilidades novas e reinventava a escrita e a utilização de imagens com fins comunicativos. Os *emoticons*, as famosas carinhas que sorriem, piscam e mandam beijos, foram a maneira que os usuários inventaram para mostrar seus estados emocionais e não serem mal-interpretados pelo interlocutor. A escrita dos chats precisava ser ágil. Antes da banda larga, a conexão discada tinha custo alto. Para diminuir os tempos e manter a conversa acelerada, os usuários reinventaram a escrita e criaram maneiras abreviadas de escrever as palavras. Daí vêm os kd, vc, tb, bj³ tão condenados por muitos pais e professores.

Estar on-line, mais recentemente, traz a possibilidade de ler em muitos ambientes de escrita e de escrever também. Os blogs, por exemplo, são ambientes que dependem menos de conhecimentos especializados, principalmente do ponto de vista da produção escrita. O que os jovens fizeram foi descobrir que as ferramentas mais fáceis de usar poderiam servir para muitas coisas, inclusive para ler e escrever interagindo com outros jovens.

Além de abreviações, foram criadas palavras para contornar a falta de acentuação nos programas vindos dos Estados Unidos. A língua inglesa não emprega acentos, til e outros sinais, o que não foi obstáculo durante muito tempo para os espertos falantes do português (e de outras tantas línguas no mundo). Palavras como *não* e *até* ganharam suas versões digitais: *naum* e *ateh*, numa demonstração divertida de que quem escreve nos espaços da WWW sabe muito bem o que é “certo” e o que é “errado”. Principalmente, os escritores digitais têm muito claro que é necessário ser bem-entendido por quem nos lê do outro lado do monitor. Foi por esses motivos, embora de maneira intuitiva, que jovens e novos usuários da WWW passaram a escrever abreviado e trocando os acentos pelo h, por exemplo.

Tudo isso aconteceu em poucos anos e foi interpretado de várias maneiras por leigos e estudiosos. Os apocalípticos trataram logo de anunciar o fim da comunicação face a face, assim como a fusão de todas as línguas em apenas uma, uma espécie de *internetês*. Outros ainda noticiaram a tragédia escolar dos adolescentes que não sabiam mais escrever palavras inteiras. Os integrados, por sua vez, passaram a preparar o planeta para uma nova era, em que os computadores resolveriam todos os problemas, até mesmo conversariam com as pessoas solitárias.

Atualmente, as ponderações já têm seu lugar e não se espera nem que as máquinas dominem o mundo e nem que o mundo fique pior do que já é por causa delas. Sabe-se, hoje, com mais moderação, que as crianças que têm acesso aos programas da WWW aprendem maneiras de interagir que já não se pode dizer que sejam “novas” para elas. Um menino nascido em 1996 tem o computador como fato social, portanto não lhe soam estranhas as interfaces da Web. Os adultos é que tiveram que passar por todos os momentos de transição na troca das máquinas de escrever por teclados novos, os correios pelos e-mails, os jornais de papel pelas versões eletrônicas dos mesmos veículos. A dificuldade está mais localizada nos adultos que ainda não atenderam à ampliação das possibilidades de ler e escrever do que nos jovens que vão reinventando a linguagem pelos caminhos por onde passam. Mas e então? O que fazer com esse jovem?

³ Cadê, você, também, beijo. É interessante notar que *cadê*, que tem sentido de *onde está?*, já é a contração, muito empregada em nosso dia-a-dia, da expressão maior *o que é de?*.

Escrever nos ambientes da rede

A WWW é mais do que uma máquina de escrever. Nela, para interagir com alguém ou para fazer coisas utilizando os programas, é necessário que o usuário se mova, aperte botões, clique em palavras, compreenda a formatação das páginas digitais. A WWW oferece todo tipo de serviço existente no mundo, além de passearem por ali muitas pessoas por dia. E, antes de mais nada, para utilizar a maior parte das ferramentas da Web é necessário escrever. Mesmo antes disso, é absolutamente preciso saber ler. Muitas vezes, é imprescindível saber ler manuais que ensinam ações para chegar a determinados fins. Sendo assim, o computador ligado à WWW oferece um ambiente de leitura e escrita muito diversificado e ativo.

Tendo descoberto isso, os jovens passaram a utilizar os espaços da Web para conversar, formar comunidades temáticas, publicar um diário virtual, expôr fotografias, comentar filmes e música, trocar mensagens, manter contato com amigos distantes. Todas essas ações, na WWW, dependem da leitura e da escrita. Exceto para programas em que é possível falar, como nos telefones, e ver as pessoas com câmeras particulares, tudo o mais na Web é por escrito.

Os blogs, que são ferramentas pelas quais o usuário pode escrever e publicar textos e imagens, têm feito as vezes de uma espécie de diário on-line, mais tarde, de um caderno de anotações ou mesmo de uma página de pequenas notas diárias, que podem ser divulgação de eventos, comentário dos acontecimentos, publicação de textos literários.

Embora tenha ficado com a fama de diário de adolescente, os blogs caíram nas graças de jornalistas e escritores há tempos e têm sido consultados até mesmo como fonte para matérias que saem nos jornais diários de papel. Essa mistura entre o mundo virtual e o mundo fora das telas já não pode mais ser polarizada. Assim como dizer que as formas de linguagem são estanques e dependem de seus ambientes já não faz mais sentido (se é que o fez algum dia).

A sociedade reinventa a linguagem de acordo com suas necessidades. Mistura formas de dizer e de escrever e recria cada ambiente da maneira que a atenda melhor. O chat, como nova criação tecnológica, trouxe para a conversa a dificuldade da escrita. Como conversar com alguém por escrito? Eis uma demanda surgida há pouco. E a resposta a isso foram os textos curtos, em blocos, com palavras abreviadas e descontínuas.

Os chats, os blogs e os sites, no entanto, não utilizam abreviaturas e *emoticons* de maneira indiscriminada. Assim como na vida “real”, a cada ambiente virtual visitado o usuário responde com uma nuance diferenciada da linguagem. Se o chat é o lugar das abreviações, os blogs permitem mais vagar. Soma-se a isso o fato de o blog manter o texto publicado por mais tempo e não ser descartável como a conversa on-line.

E o que os jovens usuários têm feito com isso? Em muitos casos, adolescentes e crianças não têm conseguido perceber que os ambientes de leitura e escrita presenciais, principalmente na escola, operam de outra maneira. As produções de texto em Língua Portuguesa, por exemplo, não costumam admitir certos usos da linguagem mais adaptados ao mundo digital. Eis o maior problema: saber o que é adequado para dado momento ou ambiente.

Breve história de algumas tecnologias de escrever (com seus respectivos suportes preferenciais)

Para diminuir a ansiedade do professor e dos pais dos jovens leitores e escritores digitais, é interessante voltar no tempo e rememorar as adaptações dos usuários a determinadas tecnologias de comunicação, tão conhecidas quanto a WWW.

Segundo Briggs & Burke (2004), todas as tecnologias que foram espaços de texto (sejam orais, sejam escritos) tiveram, nos primórdios de seu desenvolvimento, os usos restritos (a monges, militares ou camadas mais prestigiadas), passaram por longo processo de aperfeiçoamento e tornaram-se acessíveis ao público e compreendidas como “meios de comunicação”.

Vejamos o caso de uma interface de escrita/leitura chamada telegrama. O telegrama era mais comumente enviado de duas maneiras: ou por telefone ou diretamente nos balcões dos Correios. Tratava-se de uma mensagem objetiva e curta. Em que situações alguém enviaria um telegrama? Na maioria dos casos, quando a mensagem devesse chegar com rapidez, senão com urgência.

Telegramas eram enviados com algumas funções. Entre as mais comuns estavam as felicitações por dia de aniversário, casamento, formatura. Em outros casos, eram enviados para anunciar falecimento, acusar recebimentos e envios importantes, indicar datas e horários de eventos ou concursos. A escrita considerada mais adequada aos telegramas trazia quase só substantivos e verbos, além de abreviações. O fundamento dessa linguagem tão específica era o mesmo dos tempos de conexão discada da WWW: a cobrança. Palavras maiores eram mais caras nos telegramas, assim como a quantidade delas no texto.

No entanto, o telegrama não era um veículo de comunicação aberto ao público. Telegramas eram particulares (um para um), chegavam lacrados, eram entregues em mãos e não eram acessíveis por um grande público. As crianças não tinham o hábito de enviar telegramas, nem mesmo de recebê-los. A chegada de um telegrama era sempre acompanhada de certa surpresa. O ambiente de recepção de um telegrama era um tanto perplexo. Embora a tecnologia do telegrama tenha mexido muito com o mundo das comunicações, encurtando tempo e distância, e uma linguagem própria tenha sido desenvolvida para esse meio, nenhum pai ou professor sentiu-se alarmado pela possibilidade de as crianças começarem a escrever todos os seus textos, inclusive os escolares, de maneira abreviada e sem conectivos ou adjetivos. Não profetizou-se o fim da pontuação (ou o advento do pt⁴ para todos os casos) e nem a morte das preposições. A explicação é simples: o telegrama não era um gênero de texto ao alcance das mãos de todas as pessoas, não tinha características de veículo de comunicação de massa, não podia ser comprado em lojas de departamento.

Outra tecnologia ou interface de escrita que merece atenção é o jornal, mais especificamente a seção de anúncios classificados. Dada a necessidade de cruzar informações de pessoas interessadas em trocar, vender ou comprar objetos e serviços, os jornais diários tomaram para si a tarefa de publicar pequenos anúncios, pagos, que pudessem ser lidos por prováveis compradores. Esse anúncio cumpriria o papel de oferecer todos os dados necessários ao leitor sobre o objeto ou serviço de seu desejo, assim como os dados para acionar o vendedor.

Também os anúncios classificados são pagos e esse custo depende do número de caracteres do texto, do espaço que ocupa na página, do destaque que possui, assim como de negritos ou letras maiúsculas. Em geral, o anunciante não domina a maneira mais adequada de compôr esses textos. A atendente do jornal formata o anúncio de maneira a adequá-lo aos critérios que ajudarão o leitor a selecioná-los. Da mesma forma e por motivos muito parecidos com o telegrama e o chat, o anúncio classificado é curto, objetivo e contém abreviações. Vamos observar o texto de um anúncio do jornal *Estado de Minas*:

⁴ Pt correspondia ao ponto-final nos telegramas.

RENASCENÇA

R

Renascença

CASA 3078-5353
SOTÃO NETIMÓVEIS (32136)
R.Taquari 3salas 5qtos 3bhos
4gars piscina R\$250Mil PJ797
Fotos: www.sotao.com.br

CASA 9144-0730
30ts sal copa coz bhs piscina
churrasq. 3446-0144 c10683

COBERTURA 3426-3907
GARRA IMÓVEIS VENDE
C1266 2q terraç préed peq gar
2sls bho blind exc loc pj3387

Riacho das Pedras

2 QUARTOS-PROBASE Últi-
mas unid! C/ varanda Financ.
F 3391-8000 Mude já! c536

OS 31-3391-9702
nho/Columbia fi-
gracia Temos
13-0463

-9702
M-

CELTA/03
Transf. financ. Celta 1.0
4pts compl, c/ AR/DH/Rd li-
ga leve. Novissimo! Ent.
R\$3.200 + prest. R\$362,10
31-9658-7850

CELTA/02 3285-4696
1.0, 02 preto impecável, única
dona oportunidade. 17mil 9993-
1000

CELTA/01 8404-7596
Entrada + prestações R\$295.
Tr. 9292-2969 ou 9753-6161

CELTA 02/02
Preto, ve, te, al, rodas, insulfil-
me, som com CD, único do-
no, particular. R\$ 18mil. Tr.
9941-3396

CELTA 02
4 pts compl. Entr. R\$1061,00
(+) R\$300,00 s/ juros. Tel:
9715-8710

CELTA 1.0
s, 2005, prata, vidro
Entrada R\$2.100 (+)
R\$438,50. Tra-

Estado de Minas, 21 de março de 2006. Imóveis e Veículos.

(ARTE: é necessário apagar ou embaçar os números de telefone expostos nos anúncios. Além disso, é preciso ampliá-los para que fiquem legíveis)

É fácil observar a necessidade de abreviar palavras em ambos os recortes. No caso da venda de imóveis, encontramos qtos, bhos, gars, sal, coz, peq⁵, entre outras abreviações que não são fáceis de ler para quem não está habituado a esse gênero de texto. Em geral, os anunciantes são empresas de corretagem ou agências, que precisam gastar muito com a publicação dos anúncios. O leitor do jornal e potencial comprador de carros ou imóveis não precisa dominar a linguagem dos anúncios para redigi-los, mas precisa saber o que significa 2q ou exc loc⁶. Caso contrário, o anúncio não passará de um amontoado de letras.

Esses gêneros de texto, que têm como critérios de produção a concisão e as abreviaturas, são criados a partir de demandas da sociedade (entenda-se, das interações entre as pessoas em determinadas contingências ou em dados ambientes), plasmadas por um meio de comunicação de massa, como é o caso do jornal diário. O rádio e a televisão também têm seus espaços de anúncio com suas linguagens próprias. O que precisa ser compreendido é que nenhuma dessas formas de escrita aconteceu de maneira ampla. O contrário aconteceu e vem

⁵ Que quer dizer quartos, banheiros, garagem, sala, cozinha, pequena.

⁶ 2 quartos e excelente localização.

acontecendo com as escritas nascidas com o acesso das pessoas à Internet ou, mais precisamente, à World Wide Web.

Os telegramas eram de acesso restrito. Só os enviávamos em casos de muita necessidade, se pudéssemos pagar por eles, em lojas especializadas ou pelo telefone. Os anúncios classificados, que também se utilizam de muitas abreviações, também não são de acesso irrestrito. O anunciante tem uma necessidade pontual de comprar, vender ou trocar algo e o leitor procura com mais objetividade satisfazer necessidades, que aparecem e desaparecem. As pessoas não costumam ler pequenos anúncios diariamente, a não ser que estejam procurando uma casa, um carro, um videogame. Os jovens compram jornais de anúncios quando desejam vender um celular, comprar um determinado jogo ou algo assim, mas não produzem esse tipo de texto amíúde. Também não lêem esse gênero textual como se lêem cadernos de cultura ou as notícias do futebol.

Sabemos, pelo uso, que da mesma maneira que nem todo leitor de *outdoors* pode ser produtor de *outdoors*, nem todo leitor de sites pode interferir neles. Alguns ambientes de escrita da WWW oferecem reservas para intervenção do leitor (*pop ups* de comentários, por exemplo), mas na maioria das vezes a intervenção não é tão “construtiva” quanto queriam alguns teóricos (por exemplo, Snyder citado por Marcuschi, 2001).

Novos gestos de ler e escrever. E kd o prof?

De acordo com o que dissemos e com nossas necessidades de leitores e ouvintes, em interação com pessoas e coisas, os gêneros de texto nos servem com ênfases diferentes em leitura e escrita. Há gêneros para os quais precisamos estar preparados apenas para ler. Em outros casos, precisamos saber ler e escrever, porque fazem parte, de fato, de nossas ações e práticas mais comuns e mais cotidianas. Não há, portanto, textos separados da comunicação enquanto necessidade de interação. A reinvenção das práticas de ler e escrever (ou de ambos juntos) surge a partir de demandas sociais, atualmente muito relacionadas a novas formas de interagir por meio de tecnologias.

Os jovens que receberam telegramas ou os enviaram, ou aqueles que anunciaram cartuchos de video game nos jornais de classificados não deixaram de produzir textos em que diziam que suas casas tinham 2 quartos e uma sala. No entanto, esses jovens não tinham contato irrestrito com esse gênero de texto e nem adicionaram-no às suas vidas diárias, como ocorreu com alguns ambientes para escrita na WWW.

O fator que assusta pais e escolas não pode estar, portanto, tão mais relacionado ao computador do que à maneira como as crianças e os adolescentes têm feito uso dos novos ambientes de ler e escrever.

É certo que meninos e meninas encontram na WWW um jogo, um brinquedo e uma espécie de “livro” de consulta. É preciso mencionar aqui a reinvenção da velha pesquisa escolar. Embora as práticas de pesquisa tenham deixado de ocorrer nas enciclopédias e tenham se mudado para as interfaces dos motores de busca⁷, os alunos e os professores partem dos mesmos princípios inadequados: a maneira como a pesquisa é pedida enseja que o aprendiz copie e cole as respostas prontas. Se o jovem de hoje dispõe da WWW, o jovem de 30 anos atrás (e mais) dispunha de livros grossos. De qualquer forma, nenhum dos dois pesquisou de maneira a acionar e agregar conhecimentos.

Se um jovem emprega os programas de e-mail para enviar mensagens para os amigos, ele domina certa categoria de modo de escrever e operar com programas e máquinas. Se ele domina, também, outros modos de operar, com papel, caneta, softwares, tinta, ele estará assegurado pela ampliação horizontal de seu letramento. Certamente, esse jovem saberá

⁷ Sites como o Google, por exemplo, que fazem buscas a partir de palavras-chave dadas pelo usuário.

atender às necessidades comunicativas de dada situação, seja ela dependente de máquinas ou de seu próprio punho.

O problema pode surgir quando o jovem domina apenas um modo de operar com textos, seja para ler ou para escrever. Um jovem que frequenta salas de bate-papo provavelmente domina a escrita peculiar a esse ambiente. Se ele percebe o momento de alterar o modo de escrita quando se transfere para outro ambiente, ainda está tudo bem. O que parece indesejável é que ele empregue um único modo para todos os ambientes, como se não fosse capaz de reinventar sua maneira de interagir de acordo com indicadores do novo ambiente.

E onde entra o professor? É justamente nesse “nó” que o professor pode atuar. Em primeiro lugar, tornando-se parte deste mundo de novas possibilidades de escrita e evitando uma atitude antitecnológica ou de reprovação irrestrita (e impensada) do uso das máquinas com função de comunicação. Em segundo lugar, o professor pode orientar os aprendizes no sentido de levá-los a perceber que linguagens e ambientes costumam ser adequados uns aos outros. Mudar o “jeito” de se comunicar de acordo com o ambiente não é novidade em nossas vidas cotidianas. Na WWW também não é.

O q o prof pd fz⁸?

O professor não está de fora deste admirável mundo em que as possibilidades de ação na linguagem aumentam e se tornam cada vez mais ágeis. E por que razão seria logo o professor de Português aquele que pareceria mais anacrônico?

Todos os professores lidam com linguagens e com a língua materna, mas é o professor de Português o que tem mais evidente a tarefa de incentivar a produção e a leitura de textos pelos aprendizes. É o professor de língua materna quem tem a tarefa de desenvolver habilidades de uso da leitura e da escrita que ultrapassam as interações diárias e primárias que temos na vida. E se é ele quem atua nessa instância, por que não ficar atento às novas e mais prazerosas maneiras de fazer isso? Por que ignorar que os jovens estejam diante de um novo modo de fazer textos e que talvez até encontrem menos obstáculos neste novo ambiente?

Para Freitas e Costa (2005), a partir de pesquisa feita com adolescentes em ambientes de texto da Internet, fica evidente uma “defasagem entre o que a escola propõe como práticas de leitura e escrita e as práticas reais”. Para os autores, que entrevistaram adolescentes que fazem uso da WWW, “o contexto sociocultural do qual participam tem oferecido a eles outras alternativas de leitura e escrita, significativas e prazerosas, que, nos parece, são desconhecidas ou ignoradas pela escola”. (Freitas & Costa, 2005, p. 8).

Talvez não seja mesmo boa idéia a escola ignorar as novas possibilidades, mas não se pode esquecer de que nem todas elas chegaram ao alcance de todos os aprendizes. Mesmo assim, é fácil concordar que o mundo não deixa mais dúvida sobre a relação próxima e obrigatória entre pessoas e máquinas de ler. É só observar os caixas eletrônicos de bancos ou mesmo certas condutas nos supermercados.

Costa (2005) afirma que “novos instrumentos culturais da contemporaneidade, destacando-se o computador, têm-se tornado mediadores de novas formas/práticas de leitura e escrita, principalmente via Internet” (Costa, 2005, p. 19) e não é difícil fazer uma lista dessas novas práticas, mesmo que elas não ocorram em computadores pessoais.

Na mesma obra organizada por Freitas e Costa, Defillippo & Cunha apontam a criatividade e o prazer como características da ação de leitura/escrita de adolescentes.

Depois de meses de observação e interação com internautas adolescentes, percebemos que, nesse novo ambiente, uma nova prática de leitura e escrita surgia, impregnada de criatividade e prazer. Parecia-nos que estávamos entrando em contato com um espaço em

⁸ O que o professor pode fazer? Não é assim que os jovens escrevem em chats?

que o mundo das letras não era só conhecido e apreciado por esses adolescentes, mas era também transformado e compreendido. (Defillippo & Cunha in Freitas e Costa, 2005, p. 97)

Se isso ocorre, de fato, com a maior parte dos jovens que interagem pela WWW, por que não converter a brincadeira deles em assunto para a sala de aula? Por que não levar as produções de texto para a Internet? Por que não incentivar a escrita em blogs? Por que não aproveitar o fato de que, na WWW, os textos são, de fato, publicados? Se as condições de produção do texto podem ficar mais evidentes e levar o aluno a escrever para um público real, por que não transformar atividades de simulação em textos “de verdade”, com destino e função reais? Não é verdade que a publicação nos deixa mais “preocupados”?

Defillippo e Cunha continuam:

É assim que reafirmamos o argumento de que a Internet oportuniza através da escrita situações de interação que despertam o interesse de crianças e adolescentes. Por isso, a escola deve voltar seu olhar para esse novo espaço de interação, não com o intuito de considerá-lo o fim das dificuldades para o ensino-aprendizagem da língua materna ou de outros conteúdos curriculares, mas como um auxílio no que tange à descoberta dos interesses de crianças e adolescentes, e, ainda, como um indicativo da importância de se enfatizar situações que estejam interligadas às realidades vivenciadas pelos sujeitos da aprendizagem. (Defillippo e Cunha in Freitas e Costa, 2005, p. 113)

Não parece óbvio que interligar as vivências dos sujeitos e as ações que praticam em sala de aula, inclusive com relação aos textos que produzem, pode levar à formação de produtores de texto e leitores mais hábeis? E se a WWW oferece ambientes em que tudo isso faz parte de uma demanda real, que os aprendizes podem experimentar de verdade, por que não *remixar* a aula tradicional às possibilidades virtuais?

Considerações finais

Se há muitos jeitos de conceber a leitura, o leitor e a ação de ler, o que prefiro considerar é que ler é algo muito ativo, que exige grande gasto de energia do leitor, esteja ele lendo um bilhete ou um tratado de biologia. De qualquer maneira, para compreender qualquer um dos dois, salvando-se as proporções, é preciso juntar muitos conhecimentos, acioná-los e produzir sentido para os textos. Se todo texto é processado, em nossas mentes, como hipertexto, nem todo texto, enquanto produto, tem um formato de rede. Às vezes lemos textos que começam, têm meio e fim. Na WWW, há textos que apenas foram transpostos para lá e outros que foram feitos de um jeito que lembra muito uma rede, na qual o leitor pode começar em qualquer ponto.

Por falar em WWW, a World Wide Web é apenas uma das redes que estão na Internet. E, sem dúvida, é a mais fácil de ver e de ler. Foi feita para leitores comuns, como nós, que não sabemos e não precisamos saber códigos muito complexos de engenharia. E quando os adolescentes entraram nessa rede, começaram a ler e a escrever conforme acordos de interação que fizeram por lá mesmo. A língua portuguesa (e outras tantas) sofreu, então, algumas modificações quando era usada em determinados ambientes da WWW. Gêneros textuais que não existiam antes passaram a ser formulados por usuários em comunicação. Programas novos para escrever textos e publicá-los foram inventados, melhorados e amplamente usados pelos escritores de textos, usuários da língua. E então muitos professores e pais ficaram assustados com essas novidades. Houve quem fizesse alarde. Houve quem adotasse uma postura meio negligente. Mas o interessante mesmo foi que isso despertou o interesse muitos professores e pesquisadores. Assim como tantas teorias foram formuladas para explicar o que estava acontecendo, os meios de comunicação que já existiam tiveram que sair de sua acomodação eventual e “rebolar” para concorrer ou co-ocorrer com as novas

tecnologias. Os historiadores passaram a produzir textos sobre a evolução das tecnologias de informação e comunicação e muita gente passou a compreender o que está acontecendo agora como parte de um bloco maior de acontecimentos, inclusive interligados a outros, tais como as mudanças econômicas e sociais do mundo.

Para o professor que se assustou um pouco com tanta mudança em tão pouco tempo, o recado é que, embora dê um pouco de trabalho, é muito bom ter uma desculpa para desenvolver novas habilidades, talvez até junto com os alunos “conectados”. Para quem gosta de texto, tanto para ler quanto para escrever, a WWW e seus ambientes são um “prato cheio”.

Sem fazer distinção entre alunos e professores, o produtor de textos, para se envolver na escrita, precisa conhecer suas condições de produção. Se sei o que preciso dizer, de que forma e para quem, tenho boa medida de como desenvolver meu plano de escrita. Se estou ciente do espaço onde meu texto cumprirá seu papel, melhor. E se ainda posso ter alguma idéia de quem será meu leitor, fico entretida com minha tarefa e balizada o suficiente para desenvolver textos que, de fato, possam fazer sentido.

Ao leitor não cabe tarefa menor. Ler é atividade mobilizadora. Para ler, é necessário estar movido por algo. Se é a escola que tem que fornecer tudo isso, estamos diante de um imenso problema. E se as tecnologias mudam com rapidez, a escola não deveria se furtar do compromisso de estar no mesmo mundo em que os jovens se comunicam por teclados e as crianças já nascem monitoradas por máquinas que lhes revelam a circulação do sangue e as formas do rosto.

E escola precisa estar no mundo. Os muros que separam pátios, salas de ruas e *lan houses* não devem ter papel maior do que exteriorizar a idéia de fronteira, mas não a de limite. Do lado de lá não pode ser tão diverso do lado de cá. Se existir essa diferença de maneira tão acentuada, tudo o que ficar lá fora parecerá mais atraente, já que mais movido por interesses reais. Se as simulações e situações forjadas não cederem lugar às propostas aplicáveis e às demandas que possam ser revertidas para ações no mundo, não haverá maior interesse na escola do que conseguir um diploma. E não é isso o que queremos, certo?

Se navegar é necessário, talvez seja o momento de o professor admitir que também precisa aprender, reinventar suas competências, desenvolver novas habilidades, inclusive relacionadas a novos ambientes de ler e escrever. E as tendo desenvolvido, poderá aliciar seus jovens cibernautas para a produção de cartas de papel e resenhas de verdade, em aulas que acontecem na sala e migram para ambientes de publicação digitais. Quem sabe para alimentar visitados sites de cultura ou blogs altamente interativos? É preciso considerar que a maior frustração de um escritor não pode ser outra que a de não ter leitores. E por que seria diferente com nossos aprendizes? O professor pode e deve se aproveitar do fato de que, na WWW, para se relacionar os usuários precisam escrever e ler. Fazendo isso, precisam perceber que ambientes diferentes pedem linguagens diferentes. A escola conectada à rede pode potencializar as madrugadas que meninos e meninas passam na frente das telas se comunicando numa linguagem que ainda é percebida como periférica. Mas, se estamos em rede, isso não faz mais sentido. Um jovem usuário teria certeza que se Joaquim conhecesse a Internet e escrevesse poemas, Lili não teria se casado com um “cara” que nem estava na comunidade. E talvez Raimundo, Teresa e todos os outros pudessem bater papo em um chat de paqueras virtuais.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *O sentimento do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- BABO, Maria Augusta. Os desafios do hipertexto, 2005. (Mimeogr.)
- BRIGGS, A & BURKE, P. *Uma história social da mídia*. De Gutenberg à Internet. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- CARPENTER, Edmund. As novas linguagens. In: CARPENTER, Edmund; McLUHAN, Marshall (Orgs.). *Revolução na comunicação*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.
- CHARTIER, R. *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- COSCARELLI, Carla Viana. Espaços hipertextuais. *Anais do II Encontro Internacional Linguagem, Cultura e Cognição*, jun. 2003, FAE - UFMG, BH. Coord.: Eduardo Fleury Mortimer, Ana Luiza B. Smolka. ISBN: 85-86091 (CD- ROM)
- Estado de Minas*, 21 de março de 2006, Classificados.
- FERRARI, Pollyana. *Jornalismo digital*. São Paulo: Contexto, 2003. (Coleção Comunicação)
- FREITAS, Maria Teresa de A. e COSTA, Sérgio Roberto. *Leitura e escrita de adolescentes na Internet e na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- FURTADO, José Afonso. Livro e leitura no novo ambiente digital. In: <<http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/afurtado/index.htm>>
- LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 34, 1993.
- MARCUSCHI, Luiz A. O hipertexto como um novo espaço de escrita na sala de aula. In: *Linguagem & Ensino*, vol.4, n.1, 2001, p. 79-111.
- MONTEIRO, A In: <<http://www.systemmarketing.com.br/conteudo-noticia5.htm>> Acessado em novembro de 2005.

*Ana Elisa Ribeiro (anadigital@gmail.com) nasceu e mora em Belo Horizonte, MG. É doutoranda em Linguística na Faculdade de Letras da UFMG e desenvolve a tese *Trajetos do leitor no papel e na tela - Letramentos, reconfigurações e práticas da leitura em interfaces hipertextuais impressas e digitais*. É mestre em Linguística pela mesma universidade e atua como professora do Centro Universitário Una e coordenadora/professora da especialização em Revisão de Texto pelo Instituto de Educação Continuada da PUC Minas. Publicou, com Carla Viana Coscarelli, o livro *Letramento digital – aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*, pela editora Autêntica.